

MARINA FIORATO

O CORAÇÃO
DE MURANO

Tradução de Isabel Alves

Capítulo 1

O Livro

Quando Corradino Manin contemplou as luzes de San Marco pela última vez, Veneza pareceu-lhe, da lagoa, uma constelação dourada no aveludado crepúsculo azul-escuro. Quantas dessas vidraças, que adornavam a sua cidade como caras pedras preciosas, havia ele feito com as suas próprias mãos? Agora eram estrelas iluminadas para guiá-lo no termo da viagem da sua vida. Guiá-lo por fim para casa.

Quando o barco entrou em San Zaccaria, não pensou – desta vez, pelo menos – de que forma interpretaria a vista em vidro com um *pulegoso* de folha de ouro e lápis-lazúli quente mas sim que jamais veria este amado cenário. Em pé, na proa do barco, uma figura salpicada de água salgada, olhou para Santa Maria della Salute, à esquerda, esticando-se para ver a forma branca da cúpula agigantando-se, inovadora, na obscuridade. As fundações da grande igreja tinham sido lançadas em 1631, o ano em que Corradino nascera, para agradecer à Virgem ter salvo a cidade da Peste. Na infância e idade adulta acompanhara o crescimento da construção. Agora, no ano da sua morte, em 1681, estava concluída. Nunca vira o seu pleno esplendor à luz do dia e jamais veria. Ouviu o chamamento triste do barqueiro de um *traghetto*, aliciando passageiros, ao atravessar o Grande Canal. O seu barco preto evocava uma gôndola fúnebre. Corradino estremeceu.

Ponderou se devia remover a sua máscara *bauta* branca, assim que pisasse terra; um momento poético, um gesto grandioso no seu regresso à *Serenissima*.

Não, há mais uma coisa que tenho de fazer antes de me encontrarem.

Aconchegou a capa preta aos ombros, contra as neblinas sinistras, e atravessou a Piazzetta, a coberto do seu tricórnio e *bauta*. O tradicional fato *tabarro*, negro da cabeça aos pés, salvo a máscara branca, devia torná-lo suficientemente anónimo para ganhar o tempo de que precisava. A própria *bauta*, uma máscara espectral e pesada na forma da pá de um coveiro, possuía o nariz curto e o queixo longo que alteraria arrepiantemente a sua voz se falasse. Não era de admirar, pensou, que o nome da máscara se tivesse inspirado no «*baubau*», o «bicho mau» que os pais invocavam para assustar os filhos transgressores.

Por hábito, nascido da superstição, Corradino avançou rapidamente por entre as duas colunas de San Marco e San Teodoro que se erguiam, brancas e simétricas, na escuridão. O santo e a quimera que encimavam os respectivos frontões perdiam-se no negrume da noite. Era aziago demorar-se por ali, pois os criminosos eram executados entre os pilares: enforcados em cima ou enterrados vivos em baixo. Corradino benzeu-se, dominou-se e sorriu. Que mais azares poderiam abater-se sobre ele? E, contudo, estugou, ainda assim, o passo.

Existe um infortúnio que ainda me pode perder: ser impedido de executar a minha última tarefa.

Entrando na Piazza San Marco, notou que tudo quanto era familiar e acarinhado assumira uma aparência páfida e ameaçadora. Sob o luar intenso, a sombra do Campanile era uma faca negra cortando a praça. Bandos de pombos voaram como fantasmas malévolos contra o seu rosto. Regimentos de arcos escuros

cercavam a praça: quem se acobertava nas suas sombras? As grandes portas da basílica estavam abertas, Corradino viu o brilho das velas no ventre dourado da igreja. Por breves momentos, sentiu-se animado, uma ilha de resplendor nesta paisagem ameaçadora.

Talvez não seja demasiado tarde para entrar nesta casa de Deus, lançar-me à mercê dos sacerdotes e buscar abrigo?

Mas aqueles que o procuravam também pagavam este templo recamado de jóias, que albergava os ossos do santo mirrado de Veneza, e revestiam as paredes com os inestimáveis e reluzentes mosaicos que projectavam agora a luz das velas para a noite. Não podia haver refúgio ali dentro para Corradino. Não podia haver misericórdia.

Passando a basílica e, em seguida, o arco da Torre dell'Orologio, apressou o passo, permitindo-se mais um relance para a face do enorme relógio, onde hoje parecia que os fantásticos animais do zodíaco giravam num compasso mais solene. Uma dança de morte. A partir daí, Corradino não se torturou mais com derradeiros relances, mas fixou os olhos no pavimento. Nem este lhe dava descanso pois não conseguia pensar em mais nada senão na bela obra de vidraria *tessere* que costumava criar; fundindo pepitas quentes de vidro irregular, de todas as formas e tonalidades, antes de soprar o conjunto num vaso assombroso, delicado e colorido, como uma asa de borboleta.

Sei que nunca mais tocarei no vidro.

Ao entrar na Merceria dell'Orologio, os comerciantes estavam a arrumar as suas tendas. Corradino passou por um vendedor de vidros, cuja mercadoria estava disposta como jóias na sua banca. Na sua imaginação, os copos e os pequenos objectos começaram a luzir, em tons rosados, e as suas formas começaram a mover-se: quase sentia de novo o calor do forno e o cheiro do enxofre e da sílica. Desde a sua infância que estas visões e odores sempre o

havam reconfortado. Agora a memória parecia ser uma premonição do fogo do Inferno. Pois não era para o Inferno que os traidores eram mandados? O florentino, Dante, era claro sobre o assunto. Corradino, como Bruto, Cássio e Judas, seria devorado por Lúcifer, as lágrimas do Demônio misturando-se com o seu sangue ao ser desmembrado? Ou talvez, como os traidores que haviam traído as famílias, viesse a ser encerrado para todo o sempre em... «*un lago che per gelo avea di vetro e non d'acqua sembiante...* um lago que, velozmente gelando, perdera a aparência da água e ganhara a do vidro». Corradino lembrou as palavras do poeta e quase sorriu. Sim, um castigo justo: o vidro fora a sua vida, porque não também a sua morte?

Não, se fizer esta última coisa. Não, se me for concedida a absolvição.

Com uma urgência renovada, voltou para trás, como planeara, e enveredou pelas pontes estreitas e vielas sinuosas ou *calli* que desembocavam de novo na Riva degli Schiavoni. Aqui e ali, havia relicários instalados nas esquinas das casas: chamas bem cuidadas ardiam e iluminavam o rosto da Virgem.

Não me atrevo a olhá-la nos olhos, ainda não.

Finalmente, as luzes do Orfanato no Ospedale della Pietà surgiram e, ao avistar o calor da luz das velas, ouviu também a música das violas.

Talvez seja ela que está a tocar... oxalá seja... mas nunca saberei.

Passou pela grade, sem espreitar para o interior, e bateu à porta. Quando a criada se acercou com uma vela, não esperou pela sua pergunta para sibilar: – O padre Tommaso... *subito!* – Conhecia a criada, uma moça mal-encarada e taciturna que se comprazia

em levantar obstáculos, mas esta noite a sua voz carregava tamanha urgência que até ela deu imediatamente meia-volta e o padre não tardou a aparecer.

– *Signore?*

Corradino abriu a capa e retirou a bolsa de couro com ouro francês. Meteu no saco o caderno de velino para que ela soubesse como tudo se passara e um dia, talvez, lhe perdoasse. Passou rapidamente os olhos pela viela escura: não, ninguém podia ter-se aproximado o suficiente para o ver.

Não podem saber que ela tem o caderno.

Numa voz demasiado baixa para que alguém, a não ser o padre, o ouvisse, disse: – Padre, entrego-vos este dinheiro para cuidar dos órfãos da Pietà. – A máscara alterava a voz de Corradino, como fora sua intenção. O padre fez menção de pegar no saco, com a habitual fórmula de expressões de gratidão, mas Corradino recusou-lha até o padre ser obrigado a olhá-lo nos olhos. Só o padre Tommaso podia saber quem ele era. – Para os órfãos – repetiu Corradino com ênfase.

Finalmente, o reconhecimento atingiu o padre. Virou a mão que segurava no saco e olhou atentamente para as pontas dos dedos: lisas, sem impressões digitais. Começou a falar mas os olhos na máscara emitiram um aviso. Mudando de ideias, o padre disse: – Vou tratar de fazê-lo chegar-lhes às mãos. – E, como se soubesse, acrescentou: – Que Deus te abençoe. – Por um instante, uma mão quente e outra fria juntaram-se e a porta foi fechada.

Corradino prosseguiu, sem saber para onde, até se achar bem longe do Orfanato.

Então, finalmente, removeu a máscara.

Continuo a caminhar até me encontrarem? Como se passará?

Nesse instante, compreendeu onde devia ir. A noite adensava-se enquanto percorria as ruas, os canais sussurrando despedidas

ao respingar as *calli*, e então, finalmente, Corradino ouviu passos atrás de si, acompanhando o ritmo dos seus. Alcançou a Calle della Morte – a rua da morte – e estacou. Os passos pararam também. Corradino virou-se para a água e, sem se voltar, perguntou: – Leonora ficará em segurança?

A pausa pareceu interminável – chape, chape – e então uma voz seca como pó respondeu.

– Sim. Tens a palavra dos Dez.

Corradino suspirou de alívio e esperou pelo último acto.

Quando a faca penetrou nas suas costas, sentiu a dor um momento depois de o reconhecimento já lhe ter provocado um sorriso. A subtilidade, a clareza com que a lâmina se insinuou entre as suas costelas só podia significar uma coisa. Rompeu a rir. Aqui estava a poesia, a ironia que havia buscado na doca. Que idiota, romantizando-se, imaginando-se um herói no drama e no *pathos* deste derradeiro sacrifício. Desde o princípio que haviam sido eles que planearam o último acto com um agudo sentido do drama, do que era apropriado, uma divertida saída carnavalesca. Uma saída veneziana. Tinham usado um punhal de vidro: de vidro de Murano.

Provavelmente, feito por mim.

Riu-se com mais vontade ainda, exalando o último suspiro. Sentiu o torcer final da lâmina assassina, separando o punho do cabo, sentiu a pele fechar-se atrás da lâmina, não deixando mais do que um arranhão inocente no ponto de entrada. Corradino caiu de frente na água e, no momento antes de cortar a superfície, encontrou os seus próprios olhos no reflexo, pela primeira e última vez na sua vida. Viu um louco a rir-se da sua própria morte. Quando submergiu nas profundezas geladas, a água fechou-se atrás do seu corpo, não deixando mais do que um arranhão inocente no ponto de entrada.